

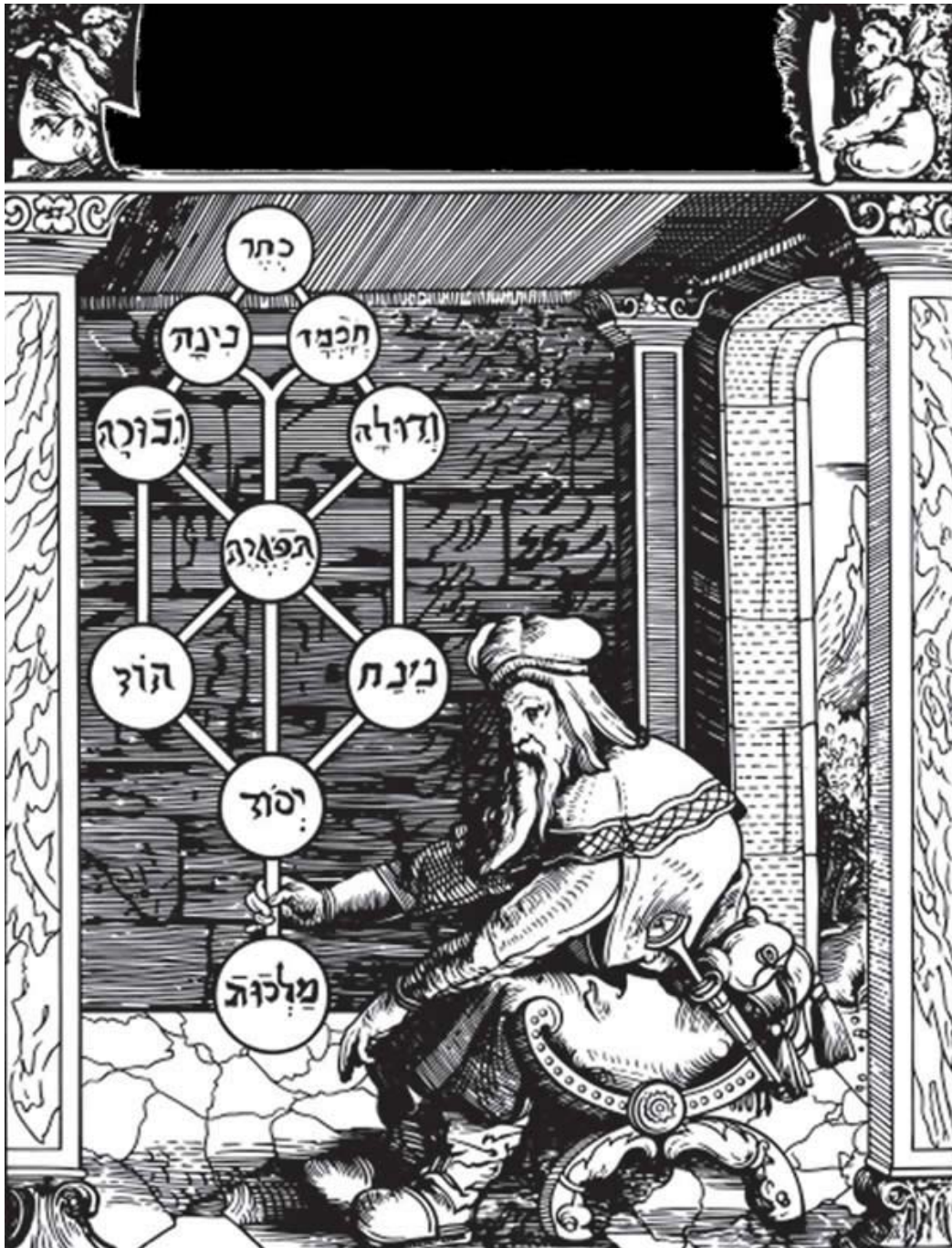


REPORTAGENS

Entre dois mundos

O diálogo religioso do judaísmo com as idéias platônicas e aristotélicas na construção da tradição mística conhecida como Cabala

POR CECILIA CINTRA CAVALEIRO DE MACEDO



Árvore da vida, símbolo da Cabala

Ela é composta por 10 Sephiroth, traduzidas como emanações. De acordo com o livro Zohar, cada Sephiroth representa um atributo divino, caberia ao homem adquiri-los em sua evolução

Estamos acostumados a ouvir que há uma oposição entre mística e Filosofia; que a mística seria do âmbito da simples fé, em contraposição à Filosofia, que se dedica à investigação racional. Mas temos que entender que nem sempre foi assim. De origem grega, o termo *mística* teve seu significado deturpado em épocas mais recentes, passando a ser utilizado no sentido de superstição infundada. Durante a Idade Média, a chamada mística especulativa - caracterizada pela utilização da linguagem racional - e a Metafísica - que se ocupava do princípio e do fundamento último de todas as coisas - freqüentemente se entrelaçavam, e desse encontro surgiram obras magníficas e grandes correntes místicas que sobrevivem até hoje. Uma destas grandes correntes é a conhecida expressão da mística judaica, denominada *Kabbalah*, ou Cabala.

A mística judaica é classificada normalmente por períodos históricos, de acordo com a proposta de Gershom Scholem. Nesta, são consideradas "fases" distintas com perfis bastante diferenciados as místicas relacionadas aos períodos da *Merkabah* e da *Kabbalah*. A mística da *Merkabah* é baseada na visão descrita no primeiro capítulo do Livro de Ezequiel, que afirma ter visto a imagem do carro celeste sobre o qual está o Trono de Deus, sustentado por seres do mundo superior, que foram, mais tarde, elevados à categoria de anjos. Esta descrição tornou-se objeto de contemplação e especulação dos místicos posteriores. Segundo Scholem, a essência do misticismo da *Merkabah* "não é a contemplação absorta da verdadeira natureza de Deus, mas a percepção de sua aparição no Trono descrita por Ezequiel, e o conhecimento dos mistérios do mundo do trono celestial¹". Já a *Kabbalah*, se caracterizaria por ser mais extática e mítica, e teve suas bases formuladas entre a publicação do *Sefer Yetzirah*

e do *Sefer Ha-Zohar*, entre os quais figura o não menos importante *Sefer Ha-Bahir*. Expandindo-se e desenvolvendo-se mais abertamente a partir do século XIV, a Kabbalah adquire um cunho popular, mágico e até mesmo messiânico².



Madonna causou polêmica quando se tornou público que estudava a Cabala. Apesar de ter ajudado a difundir as idéias cabalísticas, foi criticada por judeus ortodoxos por simplificar alguns conceitos

Para autores como Yehuda Liebes, não há como estabelecer uma datação clara do início da Kabbalah, e nem esta corrente pode ser caracterizada por um conteúdo mítico diferente, mas sim pela reformulação e adaptação do conteúdo tradicional judaico para uma linguagem apropriada ao momento histórico: "tento destacar que o *Zohar* e a *Kabbalah* Luriânica não diferem, como é normalmente sustentado, no conteúdo de seus mitos, mas, em seus padrões de pensamento, na utilização da linguagem e no tipo de ligação que assume com a Entidade Suprema³".

¹ SCHOLEM, G. *As grandes correntes da mística judaica*, p. 45.

² *Como com Sabbatai Tvi*. Ver IDEL, Moseh. *Mesianismo y Misticismo*. Barcelona: Ripiedras, 1994, p. 99 et. seq., e também SCHOLEM, G. *Sabatai Tzvi: o Messias Místico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996, 3 vol.

³ LIEBES, Yehuda. "Introduction", *Studies in Jewish Myth and Jewish Messianism*. Albany, NY: State University of New York Press, 1993, p. viii.

Muitos acreditam que o pensamento místico da *Kabbalah* se contrapõe ao pensamento filosófico e racionalista. Quanto à Filosofia, esta afirmação é verdadeira em relação à matriz aristotélica, que passa a vigorar no pensamento medieval a partir do final do século XIII, mas não em relação aos pensadores de matriz platônica. Em relação à racionalidade, vale a afirmação quanto ao pensamento teológico-racionalista, representado pelo chamado *Kalam* judaico, cujo maior expoente é Saadia Al-Fayyumi; mas não representa uma oposição emocional ou subjetivista ao uso do intelecto para alcançar realidades cada vez mais altas, ou uma recusa da utilização da linguagem racional.

Diversas escolas filosóficas, como os pitagóricos e neoplatônicos em geral, são consideradas místicas. Convencionou-se denominar Neoplatonismo os esforços de síntese desenvolvidos pelos filósofos da antiguidade tardia, cujos maiores centros foram localizados em Atenas e Alexandria⁴. Ainda que eles próprios se auto-denominassem platônicos, existem algumas

diferenças entre o pensamento daqueles filósofos e os escritos de Platão. Os neoplatônicos incorporaram idéias e conceitos de pensadores posteriores, incluindo uma boa carga da linguagem desenvolvida pela Filosofia aristotélica, mas mantiveram sua concepção de Filosofia orientada à busca do Bem, da Perfeição, da Verdade e da Beleza, o que lhes conferiu um caráter nitidamente místico. Agrupados sob a mesma denominação, aqueles diferentes filósofos concordavam, em linhas gerais, quanto ao modelo utilizado para a explicação do mundo. Baseando-se na origem última, no Uno transcendente, superior a tudo, e a partir do qual todas as coisas existentes procediam por emanações sucessivas, defendiam também a contemplação como caminho de retorno. Porém, uma série de diferenças pode ser notada entre eles, por serem originários de meios culturais e religiosos diversos.

A influência filosófica grega é mais forte e visível nas correntes especulativas e menos mágicas, encontradas no primeiro período da Kabbalah

Alguns autores situam o contato do judaísmo com a Filosofia grega ainda na época da redação dos livros sapienciais (*Sabedoria*, *Qohelet* ou *Eclesiastes*, *Jó*, e outros). Mas, de modo documentado, podemos dizer que o contato entre o judaísmo e a Filosofia grega gerou, antes ainda do século I, as primeiras tentativas de compatibilização do sistema platônico emanacionista com o modelo criacionista bíblico. Assim, o primeiro filósofo a eternizar-se ao tentar uma compatibilização sistemática entre a Filosofia platônica e as escrituras foi Filon de Alexandria, conhecido como o "judeu helenizado".

Apesar de não dispormos de notícias seguras do caminho de transmissão das obras de Filon aos judeus da Idade Média, sabemos que alguns pensadores orientais conheciam as suas idéias⁵. Além disso, os estudos sobre a diáspora dos judeus de Alexandria que, durante muito tempo foi um centro cultural muito mais importante e produtivo do que a própria Jerusalém, são muito escassos. Pelo fato de Filon ter escrito suas obras em grego - e não em hebraico - muitos suspeitam que a comunidade judaica de Alexandria poderia ter produzido mais do que hoje identificamos como obra sua. Por outro lado, nada impediria que, se houvesse realmente uma escola de orientação platônica no judaísmo, estas idéias tivessem sido mais disseminadas do



Quatro faces da Cabala. A tradição cabalista pode ser dividida em quatro aspectos: teórico, meditativo, prático e cotidiano. O teórico é a base dos conhecimentos e está nos livros: o *Sefer Ietzirá*, o *Bahir* e o *Zohar*. O meditativo reúne palavras,

que imaginamos, tendo chegado à Idade Média por transmissão oral, ou ainda, através de adaptações realizadas por outros autores neoplatônicos tardios.

O período da Idade Média no qual se desenvolve a *Kabbalah* é precedido por um longo processo de re-descobrimto das obras dos filósofos gregos, ao qual se seguiram as traduções ao árabe e posteriormente ao hebraico. Este processo de traduções, aliado ao acesso à cultura e ao estudo do idioma árabe pelas comunidades judaicas que viviam sob o domínio islâmico, favoreceu o contato com a Filosofia grega, que influenciou toda a produção intelectual oriental e sefardi. Muitas semelhanças entre as correntes filosóficas, teológicas e místicas que floresceram, especialmente no Oriente e em *Al-Andalus* (a Espanha islâmica), nas três religiões abrahâmicas, decorrem da influência comum recebida do pensamento grego, transmitida pelas mãos dos falasifa (filósofos islâmicos) e estimulada pelos governantes muçulmanos. Sabe-se que, durante aquele mesmo período histórico, o acesso ao conhecimento era muito mais restrito nas comunidades judaicas situadas na Europa sob o domínio cristão. Esse fenômeno ocorreu não somente por conta das inúmeras proibições que recaíam sobre os judeus - que fez com que a produção fosse redigida na sua maior parte em hebraico e, posteriormente, em iídiche e permanecesse fechada na própria comunidade -, mas também do incipiente nível de desenvolvimento da Filosofia e da Ciência entre os cristãos.

textos e símbolos usados na atividade de meditação. O prático envolve recitar mantras, meditar sob formas geométricas e invocar anjos. O cotidiano está relacionado a como se deve proceder em ações e o que fazer para que a consciência evolua.



▲ PRÍNCIPE DOS TALMUDISTAS

Saadia Gaon, ou Rabí Saadia ben Joseph (882 a 942), também conhecido como Said al-Fayyumi. Nascido no Egito, foi Gaón da Academia Rabínica de Sura no Iraque e considerado o príncipe dos talmudistas de sua época.

Escritor prolífico, sobretudo em árabe, seu texto filosófico que ficou conhecido como *Emunot VeDeot*, o "Livro das Crenças e Convicções" (*Kitab al-Amanat w'a-l'tiqadat*), defende que a razão e a Religião não são excludentes, dedicando-se a justificar a fé pela razão.

Ver MALTER, H., *Saadia Gaón: His Life and Works* (1969); e sua obra fundamental, *SAADIA GAON. The Book of Beliefs and Opinions*. Trad. Samuel Rosenblatt. Yale University Press, 1989.

Naquele processo de tradução, o maior desafio foi compatibilizar as reflexões preciosas advindas de fontes pagãs com o pensamento monoteísta. Entre estes esforços, podemos separar três tendências nas quais a recepção do pensamento grego foi notável: na teologia surge o *Kalam*; na Filosofia, houve aqueles que, ainda que não abandonassem a religião, adotaram as concepções de Aristóteles, como Averróis no islamismo e Maimônides no judaísmo; e uma terceira vertente, mística, abraçou as idéias platônicas e neoplatônicas, mais condizentes com sua busca espiritual. É nesta via que encontramos os primeiros teóricos que apontam para o desenvolvimento da *Kabbalah*.

A *Kabbalah* é conhecida até hoje pelo modelo emanatista que, na sua linguagem mística, assume a imagem do "relâmpago" ou "raio" de criação, desenvolvido no *Sefer Ha-Bahir* e no *Sefer Ha-Zohar*, assim como pela estruturação deste em sefirot (atributos divinos criados por Deus). Estas sefirot estão dispostas em um diagrama conhecido como *Árvore da Vida*, que pode ser estendido verticalmente aos diferentes níveis da criação, como na Escada de Jacó, por sua reprodução extensa e linear, ou também por meio de sua reprodução em um padrão fractal.

"NOVA" MÍSTICA JUDAICA

O termo *sefirah* foi utilizado pela primeira vez com o sentido que assumiu na mística da *Kabbalah*, no *Sefer Yetzirah*⁶. Considerado um texto de expressão neo-pitagórica, especialmente pela sua linguagem enigmática e estrutura numérica, este pequeno texto lançou as bases da "nova" mística judaica. O estudioso Blumenthal, entre outros, considera este texto dedicado ao estudo da disciplina mística *Maaseh Bereshit* (Trabalho da Criação) que, conjuntamente às especulações acerca das visões de Ezequiel (*Maaseh Merkabah*, ou Trabalho do Carro ou Trono), consistia o núcleo da mística judaica anterior, ao menos desde a época do segundo Templo.



"Os dias que não de constituir a vida do homem estão todos unidos no momento de seu nascimento" SHIMON YOCHAI, em trecho do Zohar



Judeus rezando na sinagoga. O período inicial de contato entre judaísmo e Filosofia grega é incerto. Alguns estudiosos acreditam que ele se deu ainda na época da redação dos livros sapienciais

Associando-se a interpretação mística do Bereshit estruturada no modelo sefirótico, à alusão da criação por fases em Isaías 43:7, surge um modelo de geração por emanções sucessivas, no qual a Luz desempenha um papel fundamental.

Aproveitou-se a idéia pitagórica e platônica do paralelismo e exemplaridade entre os mundos superiores e inferiores (macrocosmo e microcosmo), bem como a idéia de que o que está abaixo é um reflexo do que está acima, a interpretação mística do Bereshit é estruturada no modelo sefirótico, em alusão à criação por fases em Isaías 43:7, surgindo um modelo de geração por emanções sucessivas, no qual a Luz desempenha um papel fundamental. Deste modo, surge o modelo da Kabbalah sefirótica, cujo passo seguinte seria sugerido pelo próprio Sefer Yetzirah: entenda com sabedoria.

6 A frase "Dez sefirot do nada (é isso mesmo?)" encabeça os versículos de 2 a 9 do primeiro capítulo do Sefer Yetzirah. Ver KAPLAN, Ariele. *Sefer Yetzirah, O Livro da Criação Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Sefer, 2002.

7 "Todos os que são chamados pelo meu nome, os que criei pela minha Glória, os que formei e fiz". Isaías, 43:7. *Bíblia de Jerusalém*. Estes níveis serão representados pelos diferentes "mundos": Atzilut, Beriah, Yetzirah, e Asiyah.

A Kabbalah é conhecida até hoje pelo modelo emanatista que, na sua linguagem mística, assume a imagem do "relâmpago" ou "raio"

É importante ressaltar que, no início, as *sefirot* não contavam com os nomes pelos quais ficaram conhecidas. No *Sefer Yetzirah* elas não são nomeadas; no *Sefer Ha-Bahir*, são tratadas como pai, mãe e nomes afins. Entre os primeiros cabalistas havia diferenças na nomeação dos atributos. Possivelmente, algumas relações de nomes foram extraídas de Crôn. 29:11-12, mas é no *Sefer Há-Zohar* que as sefirot vão começar a adquirir os nomes que se tornaram tradicionais.

Independente de ter sido ou não Moshe de Leon quem compilou a obra, como é aceito pela maioria dos historiadores, é certo que o material que deu origem ao *Livro do Esplendor* reflete uma sabedoria muito mais antiga. A obra parece ser um compêndio de mística, que segue as mais antigas indicações, mesclando-as com formulações mais novas, e encerrando, no mesmo conjunto, as especulações sobre a criação do *Maaseh Bereshit* e um pouco do caminho visionário de retorno que consiste no tema da *Merkabah*. Embora a linguagem visionária do caminho de retorno seja nitidamente de origem judaica, seguindo a linha dos antigos místicos inspirados pelas visões proféticas, Moshe Idel associa à influência neoplatônica o relato de experiências unitivas de *devekhut* encontrados na *Kabbalah*. Por outro lado, as partes relacionadas à criação apresentam as influências neoplatônicas já apontadas e que estavam presentes desde Filon nos escritos filosóficos anteriores. Quanto à necessidade da leitura alegórica, fala-nos o Zohar:

Acredita-se que o desenvolvimento histórico do pensamento judaico jamais se deu numa única direção que possibilite traçar uma linha evolutiva singular

Os insensatos só atentam para as vestimentas. Para eles, é belo aquilo que é externamente belo. Deste modo, as vestimentas refletem algo muito mais apreciado: o corpo. E este reveste algo ainda mais precioso: a alma, Também as escrituras têm um corpo formado pelos preceitos. Estas possuem também vestimentas, que são os contos. E, por fim têm também uma alma, que foi revelada àqueles que se encontravam presentes no monte Sinai⁸.

"Não há verdadeira justiça sem misericórdia" SHIMON YOCHAI, em trecho do Zohar



Através da leitura do pequeno volume em português, que contém extratos escolhidos do Zohar, podemos verificar facilmente outros paralelos com a Filosofia platônica e neoplatônica, presentes em trechos como: "Então Deus criou o mundo, fazendo com que saísse uma centelha de Luz Suprema⁹". Vemos aqui o tema platônico da centelha, bem como a fartamente utilizada metáfora da Luz. Mais adiante, notamos uma representação da estrutura neoplatônica de emanções sucessivas através da Luz advinda de Deus:

"Então Deus fez um raio da Luz oculta emergir. Este raio imediatamente projetou um número incalculável de luzes visíveis que formaram o mundo superior. As luzes visíveis do mundo superior, por sua vez, lançaram raios. Esses raios, o arquiteto celeste tornou opacos. E assim formou-se o Mundo Inferior".



Filon de Alexandria é considerado o primeiro filósofo a tentar compatibilizar o pensamento platônico e as escrituras sagradas do judaísmo

e fêmea; e estes, por sua vez, Ele os fez dependentes de alguma outra forma que é ao mesmo tempo macho e fêmea". Mais adiante naquele texto é reafirmada a semelhança entre os mundos superior e inferior, apresentando a relação de Imagem que o mundo Inferior mantém para com seu arquétipo: "mas, sabeis que isso é a súpula do tema inteiro: tudo no mundo Inferior foi feito à imagem do mundo Superior. Tudo que existe no Mundo Superior se manifesta aqui em baixo como num retrato". Segundo o *Zohar*, "tudo é uma única e mesma coisa".

Sob o crivo da interpretação teológica literal rabínica, justamente por desconsiderar o contexto neoplatônico no qual o texto se desenvolve, afirmações como estas valeram a alegação de que a doutrina cabalística seria uma forma de panteísmo, portanto, herética e contrária aos princípios teológicos fundamentais do judaísmo.

De qualquer maneira, a influência da metafísica neoplatônica na Kabbalah e no *Zohar* é inegável. Mas fica uma questão sobre as origens do livro e desta linha de pensamento. Teria ocorrido esta "contaminação" com as idéias gregas durante a Idade Média, por meio dos primeiros cabalistas e filósofos místicos, ou esta relação íntima já teria seguido todo o percurso da mística judaica desde seus primórdios?

Muitos pensadores atuais insistem na separação radical entre o pensamento hebraico e o pensamento grego, reforçando as distâncias intelectuais que separavam Jerusalém de Atenas. Mas, segundo indícios do *Sefer Yetzirah*, cuja antiguidade é incontestável, nossa opção é conduzida no sentido contrário. Ainda que exista certa separação entre Atenas e Jerusalém, ela jamais existiu no caso de Alexandria. E a única maneira de compreendermos essas relações é pelo aprofundamento do estudo dos pensadores judeus medievais no Oriente e em *Sefarad*.

Acredita-se que o desenvolvimento histórico do pensamento judaico jamais se tenha dado em uma única direção que possibilite traçar uma linha evolutiva singular. O pensamento judaico medieval na diáspora oferece uma riqueza de variantes distintas, e não atentar para estas diferenças significa criar artificialmente uma unidade, alçando uma única vertente como representante oficial da comunidade. Por outro lado, a imensa riqueza que essa variedade de expressões revela seria irremediavelmente perdida.

Ainda que não saibamos exatamente de que modo, o fato é que o neoplatonismo ressurgiu no pensamento filosófico judaico a partir do século IX, ao despontar nas obras do médico Isaac Israeli e, principalmente, após o século XI, pela Filosofia de Schlomo Ibn Gabirol. Este último "talvez deva ser considerado como um dos fundadores da *Kabbalah* especulativa", especialmente por propor a Vontade como potência criadora de Deus, adaptando o Logos filoniano a uma linguagem religiosa. Seu pensamento influenciou nomes como Ezra e Azriel de Gerona, Isaac Ibn Latif e outros cabalistas posteriores.

Neste trecho citado, percebe-se a idéia das fases da Criação. Tem-se uma primeira criação do mundo superior, diretamente pela Luz de Deus. A segunda é a das luzes que criam o mundo inferior, que provêm do mundo superior, e que agem como intermediário entre Deus e a criação do mundo sensível. Assim como na Filosofia platônica, existe aqui um necessário paralelismo entre o mundo superior (ou mundo das idéias) e o mundo inferior (corpóreo), onde o sensível é sempre uma cópia imperfeita de seu modelo (arquétipo) inteligível. Segundo a Filosofia de Filon de Alexandria, "tudo o que existe na terra é formado segundo o modelo do Mundo Superior¹⁰; e não há uma só coisa aqui em baixo que não tenha sua contrapartida no mundo Superior. Essa contrapartida a regula e governa".

⁸ EL ZOHAR, *El Libro del Esplendor*, III, 152a. Barcelona: Ediciones Obelisco, 1996, p. 35.

⁹ O ZOHAR, *O Livro do Esplendor*, passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension.

Tradução Rosie Mehoudar. São Paulo: Editora Polar, 2006. p. 109.

¹⁰ O ZOHAR, *O Livro do Esplendor*, op. cit, p. 110.

PROPOSTA PLATÔNICA

Ainda podem ser observados os ecos da proposta platônica do andrógino perfeito: "quando Deus quis criar todas as coisas ele começou criando algo que era ao mesmo tempo macho



Alegoria da Vida Humana, de Alessandro Allori. Um dos paralelos entre a Filosofia platônica e os ensinamentos contidos no Zohar é a idéia da existência de dois mundos: um superior, perfeito, e outro inferior, cópia imperfeita

O neoplatonismo ressurgiu no pensamento filosófico judaico a partir do século IX, nas obras de Isaac Liraeli e no século XI, pela Filosofia de Sschlomo libn Gabirol

A influência filosófica grega é mais forte e visível nas correntes mais especulativas e menos mágicas, encontradas no primeiro período da *Kabbalah*, na Península Ibérica, na linha apresentada por Moshe Cordovero (RamaAMaK) e em variantes posteriores geograficamente localizadas, especialmente o pensamento yemenita. Concorrente do modelo de Isaac Luria, que é o mais popular até nossos dias, a produção mística de Moshe Cordovero aproveita essas contribuições, utilizando o esquema de harmonização entre o pensamento neoplatônico e aristotélico, "aplicando uma variante da literatura que apareceu primeiro no sistema de Ibn Gabirol". Cordovero utiliza o conceito grego das esferas, da alma tripartida e da mediação entre Deus e a Criação.



Visão de Jerusalém, por Pierre Tetar Van Elven
Os pensamentos hebraico e grego estão unidos, em especial, pelo que houve de comum intelectualmente entre Jerusalém e a Alexandria

As relações entre algumas linhas da mística judaica e a filosófica grega são bem mais íntimas do que nós podemos avaliar à primeira vista, assim como, em geral, a concordância entre os caminhos místicos das mais diferentes religiões e Filosofias é muito maior do que entre a teologia dogmática ou a Filosofia racional. E isto ocorre porque o objetivo final, em última instância, é o mesmo: a busca da sabedoria. E esta busca, muito além das diferenças decorrentes entre as linguagens utilizadas para sua expressão, preza um caminho essencialmente apoiado na experiência.

REFERÊNCIAS

- SCHOLEM, Gershom, *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- Cf. SCHOLEM, G. *A Cabala e a Mística Judaica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990, p. 15.
- BLUMENTHAL, David R., *Understanding Jewish Mysticism, A source reader*. Vol. I, *The Merkabah and the Zoharic Tradition*. New York: Ktav Publishing House, 1978. p. 13.
- SEFER YETSIRAH, 1:4.
- IDEL, Moshe, *Cabala, Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora perspectiva, 1998. p. 54 et. seq.
- O ZOHAR. *O Livro do Esplendor, passagens selecionadas pelo rabino Ariel Bension*. Trad. Rosie Mehoudar. São Paulo: Editora Polar, 2006, p. 109.
- MUNK, Salomon. *Mélanges de Philosophie Juïve et Arabe*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1927, p. 283.
- MAIER, Johann. *The Significance of Philosophy for the Kabbalah of Moshe Cordovero and its Impact*. EAJS Newsletter, European Association for Jewish Studies, n. 13, april-september 2003, p. 14.

